



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 31/10/2025 e 06/11/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSILON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
31/10/2025	10,99	321,60	48,68	5,34	4,31
03/11/2025	11,19	320,80	49,84	5,43	4,34
04/11/2025	11,08	317,40	49,53	5,50	4,31
05/11/2025	11,19	324,80	49,69	5,54	4,35
06/11/2025	10,91	312,70	49,35	5,35	4,28
Média	11,07	319,46	49,42	5,43	4,32

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	123,00	
RS – Não Me Toque	123,00	
PR – Pato Branco	125,00	
PR – M.C.Rondon	121,00	
MT – C.N.Parecis	118,50	
MS – Maracaju	124,00	
GO - Rio Verde	120,00	
BA – L.E.Magalhães	123,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	68,00	CIF
Porto de Paranaguá	68,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	SC	
PR – M.C.Rondon	53,00	
PR – Pato Branco	57,00	
MT – C.N.Parecis	48,00	
MS – Maracaju	53,00	
SP – Itapetininga	63,00	
SP – Campinas	68,00	CIF
GO – Rio Verde	56,00	
GO – Jataí	56,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	57,00	
RS – Não Me Toque	57,00	
PR – Pato Branco	66,00	
PR – M.C.Rondon	64,00	

Período: 05/11/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 06/11/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,31	126,03	59,15

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
06/11/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	56,64
Feijão (saco 60 Kg)	115,63
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,38
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,35**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,55

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Agosto/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja voltaram a subir fortemente nesta semana, puxadas pelos acordos comerciais entre EUA e China. O bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, chegou a bater em US\$ 11,19, voltando a romper o teto dos 11 dólares, e chegando a mais alta cotação desde o dia 12 de julho de 2024. Porém, o fechamento desta quinta-feira (06) despencou, ficando em US\$ 10,91, o mesmo valor de uma semana antes.

A China anunciou o acordo com os EUA, o que reforçou a tendência altista, porém, uma ducha de água fria pode ter vindo no dia 05/11 quando os chineses anunciaram que vão “suspender tarifas de até 24% sobre vários produtos agrícolas dos EUA, como milho, trigo, carne e algodão, a partir do dia 10/11, porém, a soja ficou de fora. A tarifa continua em 13%, ou seja, para a soja nada mudou. Se a soja tivesse entrado na lista, aí sim seria um fato altista. Os EUA voltariam a competir direto com o Brasil e poderiam recuperar parte das vendas para a China. Mas como a tarifa segue igual, o fundamento é neutro. A soja americana continua cara, e o Brasil segue mais competitivo”. Assim, não se descarta um recuo das cotações em Chicago nas próximas semanas, mesmo que o mercado tenha entendido o movimento de redução de tarifas, por parte da China, como um gesto importante. Nesse sentido, parte do mercado considera que a soja pode ser a próxima da lista na retirada das tarifas pela China (cf. Royal Rural).

Outro fator que está alimentando as altas é o atraso no plantio do Centro-Oeste brasileiro devido à falta de chuvas. O risco de o Brasil produzir menos na próxima safra, embora ainda esteja longe, já começa a alimentar a especulação em Chicago.

Por sua vez, o mercado espera que, desta vez, saia o relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 14/11. A paralisação do serviço público estadunidense, que já dura mais de um mês, impediu a divulgação do relatório de outubro, deixando o mercado sem estatísticas confiáveis.

Dito isso, na semana encerrada em 30/10 os EUA embarcaram 965.063 toneladas de soja, ficando dentro do esperado pelo mercado. No atual ano comercial os embarques somam 7,78 milhões de toneladas, sendo 40% abaixo do realizado em igual momento do ano anterior.

E no Mercosul, que representa 62% da soja exportada no mundo nos últimos cinco anos, espera-se uma safra total de 242,3 milhões de toneladas em 2025/26, com crescimento de 0,8% sobre o ano anterior. A produtividade média, se o clima ajudar, está projetada em 3.400 quilos/hectare (56,7 sacos/hectare). Se isso se confirmar, as exportações da região irão aumentar no próximo ano. O Brasil responde por 84% das vendas externas de soja do bloco (cf. Céleres).

E no Brasil, apesar da forte alta em Chicago, o dólar fraco e mais o previsível recuo nos prêmios, na medida em que a China possa voltar a comprar soja estadunidense, mantiveram os preços estáveis. Aliás, os prêmios de exportação no Brasil, para os contratos para embarque em 2026, retornaram a patamares negativos, movimento que não era observado desde julho passado (cf. Cepea).

Assim, embora a média gaúcha tenha alcançado R\$ 126,03/saco, as principais praças locais ficaram em R\$ 123,00. Nas demais regiões do país, os preços oscilaram entre R\$ 118,50 e R\$ 125,00/saco.

O plantio na nova safra perdeu força, devido às chuvas irregulares nas regiões produtoras nacionais, alcançando 47% da área esperada, contra 54% na mesma época do ano anterior. “Embora haja problemas em Mato Grosso e no Matopiba, o principal foco de atenção no momento é Goiás, que tem o plantio mais lento desde a safra 2017/18”(cf. AgRural). Especificamente no Mato Grosso, o novo plantio chegou a 76,1% da área esperada, porém, está abaixo da média histórica, que é de 76,7% para este momento do ano (cf. Imea).

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho registraram leves altas em Chicago, não seguindo o comportamento intenso da soja, porém, as mesmas não se sustentaram e o fechamento desta quinta-feira (06) recuou para US\$ 4,28/bushel, contra US\$ 4,30 uma semana antes. Afinal, o milho está diante de uma safra recorde nos EUA e a China não compra muito o produto na comparação com a soja.

Dito isso, as exportações do cereal estadunidense, na semana encerrada em 30/10, somaram 1,7 milhão de toneladas, ficando perto do limite superior esperado pelo mercado. Assim, no acumulado do ano comercial atual o volume alcança 7,8 milhões de toneladas, ficando 64% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Já no Brasil, os preços se mantiveram relativamente estáveis, com leve viés de alta. A média gaúcha ficou em R\$ 62,31/saco, enquanto as principais praças locais registraram os mesmos R\$ 60,00 de semanas anteriores. No restante do país, as médias oscilaram entre R\$ 48,00 e R\$ 63,00/saco. Em paralelo, na B3, no dia 05/11 o mercado trabalhava com janeiro/26 cotado a R\$ 71,72/saco e março/26 em R\$ 73,14, enquanto novembro/25 ficava em R\$ 68,32/saco.

O mercado do milho nacional tem pouco fôlego para subir diante da excelente safra que passou, da firmeza do Real, impedindo maiores exportações, da concorrência externa mais barata e do avanço do plantio da safra de verão, apesar de problemas climáticos pontuais.

Na prática, aqui no Brasil, o clima se torna o ponto central deste mercado. Especialmente pelos problemas já presentes no Centro-Oeste e pela perspectiva da incidência, mais uma vez, do fenômeno La Niña durante esta nossa primavera/verão no Sul do país.

Por sua vez, a comercialização do milho segue abaixo da média dos últimos cinco anos, embora em outubro a mesma tenha melhorado. Mas haverá novas pressões de oferta interna já que os armazéns, especialmente no Centro-Oeste, devem ser liberados até janeiro para dar entrada à nova safra de soja. Em termos de exportação, mesmo que o país chegue a 42 milhões de toneladas no ano, os estoques finais serão ainda muito altos.

Enfim, o plantio da safra de verão 2025/26 atingiu, no dia 30/10, a 60% da área esperada no Centro-Sul brasileiro, contra 59% um ano atrás (cf. AgRural). Em termos de todo o Brasil, o mesmo estava em 42,8% no dia 1º de novembro, contra a média histórica de 44,5%, segundo a Conab. O Paraná, na ocasião, atingia a 98% da área esperada, seguido por Santa Catarina (89%), Rio Grande do Sul (86%), São Paulo (32%), Minas Gerais (13,7%), Bahia (8%) e Goiás (3%).

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, em Chicago, também subiu nesta semana. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, após registrar US\$ 4,96 no dia 13/10, se recuperou constantemente, chegando a bater em US\$ 5,54 no dia 05/11 (o mais alto valor desde o dia 02/07/2025). Todavia, no dia seguinte (06) o fechando recuou para US\$ 5,35/bushel, contra US\$ 5,24 uma semana antes.

Enquanto a paralisação dos serviços públicos estadunidenses continua e o mercado espera que saia o relatório de oferta e demanda do USDA no dia 14/11, as exportações de trigo dos EUA atingiram a 350.293 toneladas na semana encerrada em 30/10. Com isso, o volume total já embarcado no atual ano comercial estadunidense soma 11,8 milhões de toneladas, sendo 21% superior ao registrado no mesmo período do ano anterior.

E na Rússia, as exportações de trigo foram aumentadas para 43,8 milhões de toneladas neste novo ano comercial, embora o crescimento ocorrido possa ser temporário segundo a consultoria SovEcon. Isso devido às condições climáticas sazonais e à crescente concorrência de países como Argentina e Austrália, que colhem safras recordes. Por sua vez, a China estaria para comprar trigo dos EUA pela primeira vez em mais de um ano, em um possível sinal de retomada do comércio agrícola entre as duas maiores economias do mundo, após a recente trégua comercial firmada entre os dois países. Segundo o USDA, a China não realiza compras de trigo estadunidense desde o início de outubro de 2024.

E no Brasil os preços voltaram a recuar. O produto no Rio Grande do Sul caiu para R\$ 57,00/saco, enquanto no Paraná o valor se manteve entre R\$ 64,00 e R\$ 66,00/saco devido a redução da produção provocada por intempéries, além da menor área semeada.

Soma-se a isso a ótima safra na Argentina, os preços internacionais mais baixos e um Real forte que torna mais barata as importações. Assim, em outubro/25, a média do trigo negociado no Rio Grande do Sul foi de R\$ 1.138,41/tonelada, com recuo de 9,6% em relação a setembro/25 e de 11,7% sobre outubro/24, em termos reais (deflacionamento pelo IGP-DI). No Paraná, a média foi de R\$ 1.216,53/tonelada, com recuos respectivos de 9,7% e 15,6% nas comparações mensal e anual, sendo estes os menores valores desde outubro/23. Em São Paulo, as variações foram negativas em respectivos 7,5% e 24,9%, com a média passando para R\$ 1.161,58/tonelada, o patamar real mais baixo desde novembro de 2016. Em Santa Catarina, a média atingiu a R\$ 1.263,26/tonelada, com queda de 7% no mês e 13,4% no ano, sendo o menor valor desde abril de 2018 (cf. Cepea).

Para comparação, no ano passado o saco de trigo pago ao produtor, no início de novembro, no Rio Grande do Sul, valia entre R\$ 69,00 e R\$ 70,00 nas principais praças. Ou seja, em um ano o recuo se estabelece entre 12 e 13 reais por saco, ou algo em torno de 18%. E no Paraná, o trigo recuou, no mesmo período, entre 11 e 15 reais por saco, ou algo em torno de 14% a 19% dependendo da região.

Enfim, no restante de novembro a pressão sobre os preços tende a continuar, sendo que o clima, sobretudo no Rio Grande do Sul, ainda será um fator importante para definir o volume final e, por consequência, o movimento dos preços.